

Aos 15 anos, Lúcia Ramos não deveria escolher título mais apropriado que este, que traduz todos os pensamentos e ideais do jovem que está enxergando tudo, questionando os acontecimentos e que necessita participar desse complexo processo global.

Em 50 textos (poemas) Lúcia Ramos mostra-se participativa nas questões sociais; analisa o homem e opina sobre o seu comportamento.

Nos textos estão presentes o otimismo e a preocupação com a ecologia, quase num apelo, quando diz: "E se as crianças crescerem e nada mudar? E se as queimadas aumentarem e acabarem-se as matas..."

*"Eu tenho dó das pessoas
dos animais
da água
Tenho dó da vida."*

(p.33)

2 - LITERATURA EM RONDÔNIA

Dentre os Militantes da Literatura em Rondônia, podemos afirmar que Edson Jorge Badra vem participando de todo o processo evolutivo da literatura do Estado e dos Movimentos Culturais nele realizados.

O autor escreve contos e poesias para os jornais locais. Emitiu opiniões em diversos livros como: Tarde de Verão, de Bolívar Marcelino/Adejos de Minha Alma, de Gesson Magalhães/As musas e o Perfil, de Matias Mendes e Caixa de Surpresas, de Sílvio Rodrigues Persivo.

Jorge Badra é membro fundador da Academia Rondoniense de Educação, da Academia Rondoniense de Letras, Academia de Letras de Rondônia e da União Brasileira dos Escritores de Rondônia e foi membro do Conselho Estadual de Cultura (nomeado por decreto governamental), onde sempre ocupou cargo de destaque.

Possui duas publicações, sendo um caderno de cultura de 30 páginas, tratando de uma conferência sobre Literatura de Rondônia proferida no I Encontro de Escritores, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, órgão responsável pela publicação do caderno.

A segunda publicação do autor denominada Sonhos Prosaicos e Poéticos, recentemente lançada, reúne crônicas, hinos e poesias diversas, com alta dose de humor.

O gênero varia entre o pitoresco e o lírico, escritos de forma graciosamente original e inteligente.

LOLITA

*Lolita, mulher vaidosa
Encantou-se com um chapéu.
Disse ao marido, dengosa:
-"Ó o meu sublime troféu!"*

*Vi numa loja formosa
Tão bonita quanto o céu*

**Um chapéu, coisa mimosa,
Ornado com lindo véu!**

**Contudo o preço é tamanho!
Comprando o chapéu estranho,
Ela o beija com fervor.**

E indaga ao marido avaro:

-"Não é um amor, meu caro?"

-"Não. É caro, meu amor!"

DUAS

**Contemplo. É uma mulher muito bonita,
Loura, mimosa, mais do que o possível.
"Boa" demais! O coração palpita...
Sinto algo em mim, alguma coisa horrível!**

**Meu coração apaixonado grita.
Ela porém mantém-se inatingível,
Pois se passa por mim, jamais me fita
E eu insisto, pois sou incorrigível...**

**Porém por muito estranho que apareça,
Outra jovem-horrível me olha tanto...
Acho que ela, por mim, perde a cabeça.**

**Mas me recuso a olhar essa infeliz
Se de uvas não pude sentir o encanto,
Não me apraz descascar "abacaxis"!...**

Em Sonhos Prosaicos e Poéticos o autor mostra-se versátil e dá uma mostra de toda a sua criatividade literária e, para provar, ele faz desfilar na páginas desta obra de contos, poemas, sonetos, acrósticos e hinos patrióticos, mostrando que proseando ou versejando é um mestre da pena e da palavra.

A forma como autor expressa sua idéia é clara e fiel. Sua linguagem é acessível, sem rebuscamento, cuidada e bem empregada.

A estrutura estrófica dos textos varia ora apresenta-se em forma de soneto decassílabo ou em estrutura mista; ora se apresenta em versos brancos cadenciados, prevalecendo sempre a rima rica.

-"Você depois foi crescendo

E eu sonhando novamente:

**"Terei filha encantadora,
Amada por toda gente."**

O lirismo e a paixão perseguem o poeta por toda a obra, visto que ele se coloca como vítima das suas musas e sofre, possuído por imensa paixão. É interessante observar que o poeta parece ser um

espectador que voluvelmente se envolve em paixões que não são correspondidas.

**"Contemplo. É uma mulher muito bonita
Loura, mimosa, mais do que o possível.
"Boa" demais! O coração palpita...
Sinto algo em mim, alguma coisa incrível!"**
(Duas, p.40)

**Vejo-a sorrindo. Empolga-me a beleza
que contemplo em você.**

E a solidão

Deixa-se de torturar-me de repente.

**Olho outras jovens, são também bonitas,
mas gostei de você, das outras não"...**

(Confissão, p.67)

A maneira como o autor se coloca diante da amada é sempre de uma forma paternalista e de galã maduro (quase um complexo).

- Dói na velhice/a irreversibilidade/o de nem um só direito/de uma só tentativa. (Velhice, p.66)

- Não sei porque você consegue/ eletrizar o velho coração. (Confissão, p.67).

- Sorriso puro/feliz/ante ao meu olhar de admiração/Espero ser amiga do Senhor! (O Encontro, p. 63).

- Interferiu naquele dia/meio século de experiência renovadas/E a saudade/É uma revivência com a intromissão de tantos anos. (O Trem, p.53).

- Como é que pude/imaginar mulher/uma menina/que é quase uma criança? (Fantasia, p.76).

Há moderação no emprego da linguagem figurada e dos adjetivos.

Da obra o leitor constará apenas uma incoerência, a palavra Prosaico do título, pois a obra é rica e de boa poesia, refletindo a arte, o conhecimento e o amadurecimento na autenticidade do seu trabalho.

Na Lavra Poemas do Autor

Canção de Ninar

**Dorme, filhinho, dorme,
o bicho tatu
não vem te pegar.**

Bem pior.

**As bombas bombeiam
Bombasticamente
com densos estrondos
solos oprimidos.**

Chicotes estalam

**Arrogantemente
em carnes marcadas.**

**E apesar de tudo,
o mundo gira
silenciosamente...**

**Não acordes, meu filho,
não acordes!**

PONTO FINAL

**"Estou arrependida
de ter sido grosseira
com o senhor."
Tarde demais!**

**Aliás,
depois daquele dia,
qualquer dia
seria mais tarde.**

**Pelo que me iludi, não será nunca.
Pelo que queres, não será jamais.**

**E o meio termo
é apenas um acordo
sem verdade.**

RESPOSTA

**Dizeis que sou da mente um aleijado
E poeta que as musas emporcalha!
Não sei porque ficaste tão irado
A ponto nos crer na mesma igualha.**

**Senhor, tendo-vos sempre respeitado.
não vos chamei (alta voz) canalha.
Quanto muito pensei (não é pecado)
Que mereceis uma melhor cangalha.**

**Não me compreendo, senhor, tamanha ira,
Nem seu mesmo a razão de vosso urro
A dizer que o que eu disse é só mentira.**

**Não precisais ficar, assim, demente:
Se por acaso vos chamei de burro,
Falei apenas figuramente.**

VIVÊNCIAS AMAZÔNICAS

APARÍCIO CARVALHO DE MORAIS autor da obra Vivências Amazônicas e co-autor de Letra de Médico.

Aparício Carvalho é desses escritores que se ocultam, mantêm uma aura de mistério em torno da sua identidade.

Em seus textos, o autor mostra-se amargo, lastimoso e sério. Neles está a questão social, a degradação do psicológico e a presença do seu eu.

Alternam-se experiência do médico psiquiátrico e do autor como ser.

Os textos breves, escritos em linhas cortadas ocultam a mensagem não deixando que o leitor penetre no mundo do autor.

Os personagens da obra, na sua maioria, são confusos e indefinidos. As idéias expressas, entre meias palavras, demonstram conflitos inconscientes e mistérios acumulados, deixando ao leitor intermináveis indagações.

- "Da pureza do Sonho/a imortalidade do ser/Expresso no poder/da ilusão vivida/como prova do ser maior" - (Mensagem II p.19).

O autor de Vivências Amazônicas dá uma forma pessoal individualizada aos seus textos, os quais tomam nova forma e novo rumo.

Ao tentar construir rimas o autor obscurece a mensagem e cria idéias soltas, muito subjetivas como é o caso do texto Delírio - p. 24.

- "Latende fase corpórea

Estranho ruído local

Fingindo sonho oculto

Doce corpo celestial

Mesclado dia passado

De sonho e coisas fatias

Surgindo gritos ousados

Da sala ao quarto final."

Neste texto as expressões: fase corpórea, coisas fatais e quarto final, deixam uma idéia inexata do que o autor quer transmitir.

O escritor Aparício de Carvalho, como todo poeta da atualidade, admite todas as gêneses, rótulos e formas; parece que escreve seus textos com uma única preocupação, escrever:

Vida Sonhada/Sonho, delírio

Por causas tão nobres?

Esquece o que é vida!

Comandados alerta

A terra o chão...

(Consciência - p. 26)

Me liberte neste momento

Suas correntes me travam

Minha mente, minhas ações.

(Bloqueio - p. 34)

A sua face queimada
Pelo imenso labor da vida
Só se sentia alegria
Quando te via Maria
Sua fome, sua luta
Nele NADA ABATIA
Só restava um pensamento
Era em ti pura Maria.

(Cabocla - p. 40)

Vivências Amazônicas trata-se de manifestação poética onde o autor questiona os conflitos sociais não só da Amazônia, mas do homem, do Universo.

Retrata as Vivências de qualquer parte do Brasil, do mundo e não especificamente da Amazônia. p. 54 "A Falta" - Nada sei/Nem porque estou/Vejo as coisas/Nada me dizem...

O autor frequentemente usa a primeira pessoa. Seu tema gira em torno do sonho, busca, fuga e fantasia.

Idéia Central - O autor apresenta "o homem sua insatisfação, a sua constante busca do prazer que, se alcançar seu objetivo, torna-se infeliz".

"Hoje não vejo/as coisas de outrora/
E a tristeza penetra/na minha alma..."

Vivências desiguais/no corpo atormentado/de uma agitação provocada da angústia contida/do sofrimento aberto.
As características predominantes:

MISTÉRIO

"Na questão de não querer
O que se passa diário
Vestiu seu roupão
No desprezo incontrolável
Correm os dias de apreensão
Não lembra sua própria ação..."

DEVANEIO

No meio da rua a cabocla xxx?
Esquecendo sua banca de tacacá
Suas fantasias, seus brilhos
Resplandeciam o interior do homem
Seus gestos libertavam a paz
E nos traziam aquilo esquecido...

DÚVIDA

*Não sei
Nem por que estou
Vejo as coisas
Nada me dizem
E quando dizem
Nada entendo*

(p. 54)

ANGÚSTIA

*Fico pensando às vezes
Onde estou para onde vou
Fico chorando às vezes
A dor que não senti
ou que esqueci de sentir.*

Aparício de Carvalho é colaborador das colunas literárias dos jornais locais. É membro fundador da União Brasileira dos Escritores de Rondônia, e da Academia de Letras de Rondônia.

A seguir, a guisa do poeta Aparício:

O INTERIOR

*De repente parei para olhar
E misteriosamente notei
Uma dor saída do corpo
E na complexidade fiquei
Uma pá de argila molhada
Um paletó eu olhei
Um lamento com cadência
No dia pálido notei
Algumas flores derramei
Que correndo pela face
Do teatro eu lembrei.*

CHEIAS

*Nas barrancas do madeira
Passo horas a meditar
Se a pobreza é miséria*